

Questão 1:

A cultura ocidental, "oficial", e a arte acadêmica como um todo acabam vendo tudo que é de fora como "primitivo", ou cristaliza esses trabalhos e artistas em agrupamentos como Arte Africana, Arte Latina, Arte Feminina, etc., de certa forma os excluindo ou privando o contato com o mercado internacional, raramente dispondo um trabalho de um artista não-europeu ou americano ao lado dos conhecidos "Grandes Mestres da Arte". Devemos, sim, valorizar a produção fora do eixo Europa-EUA, mas em pé de igualdade, utilizando também outros referenciais historiográficos. Por que usamos apenas autores homens brancos europeus para analisar a produção artística?

Com uma colonização cultural tão marcada, os grupos não hegemônicos (todos aqueles que não são totalmente ou somente identificados por essa cultura ocidental, modelo de uma produção de pensamento e sociedade), sentem a necessidade de resistir e construir uma identidade própria que se diferencie desse modelo. Ao mesmo tempo, há um sincretismo cultural natural ou gerado como forma de sobrevivência muitas vezes nesse processo, a exemplo do sincretismo religioso presente em algumas religiões afro-brasileiras. A invenção de si é uma potência individual (do grupo específico) e coletiva, pois constrói novos referenciais e possibilidades de leitura de mundo.

A identidade de um povo é indissociável da Arte e formas de fazer artístico. Individualmente, trabalhar a identidade do aluno através da Arte é uma maneira de diminuir o abismo cultural e ético entre professor e aluno, trabalhar subjetividades, produzir autoconhecimento e conhecimento de mundo e possibilitar a percepção e valorização de diferenças e semelhanças entre características individuais e coletivas no ambiente escolar e no mundo e gerar um aprendizado mais androcêntrico. Inventar a si mesmo é inventar-se a partir do que se entende como "outro", seja a partir da negação ou da percepção de semelhanças, e ter um olhar de atenção, não etnocêntrico, com o diferente se faz cada vez mais necessário numa sociedade tão intolerante com o diferente.

Questão 2:

A produção artística pode ser uma entrada muito significativa para debater as questões de raça-étnia e para a construção de uma memória coletiva sobre a História de nossos povos. Levar produções de artistas que fomentem debates e questionamentos sobre essas questões à sala de aula para além das datas comemorativas se faz uma necessidade urgente na construção de políticas públicas de memória e de não-repetição. Graças a uma maior distância temporal e à ilusão de sociedade miscigenada e sem racismo estrutural, não há no Brasil uma discussão mais ampla e recolhida de testemunhos e memórias sobre o período de escravidão no país com a proporção de uma Comissão Nacional da Verdade, como foi feito em relação ao período de ditadura civil-militar no Brasil. Em contrapartida, temos uma lei de obrigatoriedade de ensino sobre questões afro-brasileiras e indígenas na Educação Básica, e a disciplina de Artes Visuais é uma das que mais tem abertura e material para tratar do assunto.

Construir novas memórias com os alunos sobre este e diversos assuntos relacionados a grupos marginalizados e em situação de opressão gera uma demanda da sociedade por políticas públicas de memória. Levar para sala de aula a obra de Rubem Valentim, que traz em seus trabalhos símbolos e referências de religiões afro-brasileiras, mostrar alguns detalhes no talhamento de igrejas do Barroco brasileiro, construídas quase integralmente por africanos escravizados, onde também é possível perceber símbolos de uma cultura afro e falar dos trabalhos presentes em uma galeria de Inhotim, de uma fotografia indigenista que utilizou sua fotografia como militância pela demarcação indígena, por exemplo, é disputar a memória e obrigar o Estado e a sociedade a ter um olhar sobre esses grupos.

Benjamin nos esclareceu que a História é uma construção de narrativas de poder. A sala de aula é um ambiente multirracial para que possamos criar novas narrativas e modificar de alguma maneira a História Oficial - tanto do nosso passado, quanto do nosso futuro.

Questão 3:

Infelizmente na educação brasileira as questões indígena, racial e de gênero só são tratadas de forma pontual em datas comemorativas (19 de abril, 20 de novembro e 8 de março, respectivamente). Ainda nesses dias, o que deveria ser uma possibilidade de debate e reflexão sobre cultura, História e opressões muitas vezes acaba sendo mais um deserviço e tende à manutenção de estereótipos e visões deturpadas das especificidades de cada grupo. No caso dos povos originários do Brasil, talvez a questão seja ainda mais crítica, pelo desconhecimento da sociedade como um todo (os professores inclusos) sobre a cultura desses grupos no nosso território.

Não há suficientes políticas públicas para a geração de conhecimento sobre esses povos, assim como não há uma preocupação, nas universidades e espaços de formação de professores, em estimular esse tipo de conhecimento de forma mais ampla e significativa. Muitas vezes professores se formam tendo visto pouquíssimo ou nada desse e de outros assuntos (como a Arte Afro-brasileira), em seu percurso acadêmico. Isso gera um apagamento dessas culturas dentro do currículo escolar, apesar de termos uma lei assegurando esses assuntos dentro da escola.

Assim como destacado na questão 1, no caso das Artes Visuais, em geral há uma super valorização da arte acadêmica em detrimento da popular e "primitiva", e geralmente a Arte Indígena só é visto junto com pinturas rupestres e demais formas de arte marginalizadas da academia. Entretanto, o material plástico e subjetivo é extremamente rico para se trabalhar em relação a diversos fazeres artísticos, como os grafismos, as pinturas corporais, as cerâmicas, os amuletos, os mitos e a indumentária dessas culturas. O trabalho de forma não-unidária no currículo, por temas ou projetos transversais, relacionando fazeres artísticos de diversas temporalidades e origens facilita o tratamento dos povos originários de forma não-foldorizada.